Homilia e Fundamentalismo: uma breve reflexão

Rita de Kássia Pontes Silva[1]

Resumo

Um dos objetivos da homilia é colaborar para que a palavra cristã seja mais bem compreendida pelos fiéis. Cada pregador segue uma linha particular de homilia, partindo de um ponto comum – que é a efusão e proclamação da Palavra de Deus - colocando suas próprias vozes, incorporando à sua realidade de vida e comportamento. É um momento propício para defender, ensinar e propagar a doutrina cristã, tomando por base as verdades de fé da Igreja e defendendo-as do relativismo da vida moderna. O presente trabalho visa fazer uma breve reflexão sobre o fundamentalismo e seus aspectos vistos como positivos e negativos pela sociedade cristã

Palavras-chave: Homilia. Bíblia. Hermenêutica. Fundamentalismo.

Introdução

Durante toda a minha vida, desde muito cedo, a vivência dentro da Igreja Católica despertou-me muita curiosidade, principalmente no aspecto da preparação dos sacerdotes para a celebração da Missa e, em particular, a homilia proferida naquela ocasião. Já tive contato com muitos padres que apresentam maneiras de pregar muito diferentes uns dos outros, desde a linguagem, a intertextualidade, a duração, até a reação das pessoas ao meu redor durante a realização da pregação. Dependendo do jeito como a homilia é conduzida, as reações das pessoas variam desde apenas ouvir até a expressar emoções com risos ou lágrimas, entre outras.

Como participante assídua, comecei a querer compreender como seria o processo de estudo dos pregadores deste gênero em particular para fazer as

[1] Mestranda em Ciências da Religião pela Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP) bolsista PROSUC / CAPES, Especialista em Literatura Brasileira (FAFIRE), graduada em Letras pela UFPE. Professora da Rede Estadual de Educação de Pernambuco, atuando como técnica de Língua Portuguesa na Gerencia de Políticas Educacionais de Jovens, Adultos e Idosos – GEJAI, na Secretaria Estadual de Educação (SEE-PE). E-mail: rkassiapontes@gmail.com

homilias, bem como entender as estratégias que os mesmos usam para realizá-las na sua vida pastoral e o que as pessoas entendem sobre o gênero homilia a partir de suas opiniões.

Conversando com alguns sacerdotes, seminaristas e leigos participantes das missas nas paróquias que frequento, pude perceber que há ainda um certo grau de desconhecimento sobre a estrutura do gênero homilia e sobre o seu caráter comunicativo e formativo, como também ficou evidente por parte de quem ouve que muitas vezes ela se apresenta como uma fala retrógrada, cansativa ou até mesmo ineficaz, pobre em elementos comunicativos. Também ficou evidente que cada pregador segue uma linha particular de homilia, partindo de um ponto comum – que é a efusão e proclamação da mensagem da Palavra de Deus - mas colocando suas próprias vozes a serviço do gênero, que recebe ainda a influência de quem ouve a homilia, incorporando à sua realidade de vida e comportamento. Então ficam alguns questionamentos: e a eficácia da homilia? Como mensurar, perceber seus efeitos? Como é feita a avaliação da homilia por parte de quem prega e por parte de quem ouve? Daí surgiu a ideia de estudar de forma mais aprofundada o gênero homilia.

1 Uma breve contextualização

De acordo com alguns autores como Buyst (2001, p. 14), Carvalho (1993, p. 39) e Maldonado (2004, p. 22), a origem da homilia data de muito antes do Cristianismo, com o povo bíblico de Israel, consistindo como uma espécie de conversa familiar. É uma oratória sagrada, com raízes nas celebrações litúrgicas. Gonçalves (2012, p. 17) afirma que a homilia surgiu na Mesopotâmia há três mil anos, sendo utilizada pelos sacerdotes com o objetivo de convencer seus discípulos da existência e manifestação dos deuses naquele momento cultuados. Além disso, servia para "auxiliar a necessidade que os sacerdotes tinham de prestar contas das receitas e gastos das corporações a que pertenciam e faziam suas prédicas em defesa da existência miraculosa dos deuses do paganismo" (GONÇALVES, 2012, p. 33). O Conselho Episcopal Latino-Americano (CELAM) lança em 1983 um texto sobre a homilia, com algumas características evidenciadas na história do povo hebreu em suas sinagogas e na consolidação do Cristianismo, quando passa a ser uma prática

discursiva recorrente entre Jesus e seus apóstolos e se prolonga em toda a história da Igreja Católica até os dias de hoje. Após o Concílio Vaticano II, a homilia ganha um espaço fixo nas celebrações da Missa, com o objetivo principal de instruir sobre os trechos bíblicos lidos durante a celebração em preparação ao banquete Eucarístico. A ciência que estuda a pregação cristã proferida no seio da comunidade reunida é a Homilética, estudada nos seminários católicos pelos jovens que decidem ser sacerdotes, os seminaristas.

Um dos primeiros objetivos da homilia é colaborar para que a palavra cristã seja mais bem compreendida pelos fiéis reunidos. Para Buyst (2001, p. 14) a homilia serve antes de tudo para encorajar, animar, exortar, consolar e falar dos mistérios da fé, levando os que a ouvem a uma participação ativa e consciente, e isso é função do sacerdote, que também depende da participação do fiel durante a homilia para que esta tenha resultados eficazes para "produzir frutos". É a mensagem enviada que exige uma resposta, e que nos faz, pautado em Bakhtin (2000), definir a homilia como um gênero discursivo, pois ela constitui, de fato, um enunciado relativamente estável do ponto de vista litúrgico, porque sua finalidade é a compreensão da mensagem que se transmite ao fiel pelo celebrante e porque se constitui a partir das relações estabelecidas com outros enunciados, entre os quais os textos da Bíblia. Para o autor, toda compreensão exige uma resposta, e a compreensão responsiva é a fase inicial para uma resposta que o locutor (no caso o celebrante) espera de sua homilia pelo ouvinte.

Cabe ressaltar ainda que, por meio da homilia, a Igreja Católica, segundo sua doutrina, pretende anunciar ao mundo uma palavra capaz de promover a justiça, a unidade, a paz e a defesa da vida, posicionando-se como reivindicadora e defensora das pessoas, principalmente com o objetivo de abrir um diálogo com o mundo contemporâneo e suas demandas, bem como o diálogo entre a Igreja e seus fiéis. O intuito da homilia é, então, a aplicação da mensagem bíblica ao aqui e agora da vida humana. Porém, o que podemos perceber nos dias atuais é uma variedade de situações: muitos padres que conseguem se expressar bem e as pessoas compreendem a mensagem emitida, outros padres que não conseguem emitir de forma compreensível a mensagem, não despertando as pessoas para uma compreensão responsiva eficaz.

No caso da linguagem, em especial a dos padres, percebe-se que os anos de estudo para a formação teológica, filosófica, os documentos da Igreja levam os sacerdotes a usarem uma linguagem erudita nas homilias. Como então o sacerdote pode tornar comum a linguagem usada nas homilias? É preciso que o emissor se coloque no lugar do ouvinte para perguntar-se o que ele vai entender. A homilia, por fazer parte de um culto religioso, não é um discurso qualquer, mas está legitimada pela força coerciva da religião e da fé.

Essa preocupação com a homilia vem desde muito tempo inquietando o clero. Em 2008, no documento *Instrumentum Laboris*[2] há reflexões que nortearam os debates sobre a falta de preparação de alguns sacerdotes durante as homilias e foi cogitada a possibilidade de um aumento de cursos de atualização na formação de padres. Outro assunto discutido durante a reunião dos bispos foi o risco das "más e arbitrárias" interpretações do texto bíblico durante as homilias, risco muitas vezes acontecido por causa de um "fundamentalismo cristão" que expressaria o desejo de permanecer fiel às Escrituras por um lado e, por outro, o desconhecimento de particularidades dos textos, incorrendo em erros e gerando conflitos.

2 Pistas para a elaboração de uma homilia

Sendo um ser comunicacional desde sua origem, reconhecendo seu corpo e a relação com o ambiente, com o corpo alheio, com o surgimento da fala, da escrita e da imprensa até os meios digitais e eletrônicos atuais, o homem foi desenvolvendo seu pensar e interagir com o exterior e elaborou meios de expressar a linguagem sempre interligados com o Criador e o que ele oferecia e o novo que surgia a cada dia. Isso, a princípio, construía vínculos de harmonia entre Deus e os seres, e os seres entre si, e o que se esperava era um mundo solidário e pacificado, mas não aconteceu exatamente assim. A sociedade ia se constituindo com bases marcadas em atitudes individualistas e, algumas vezes, depressivas. A fé, também criada na evolução visando ligar a criatura ao Criador, precisava ser renovada. Qual o papel então da Igreja aqui, nesse processo comunicativo de reacender a chama da fé e

[2] Documento de preparação do Sínodo realizado entre 5 e 26 de outubro no Vaticano sob o tema "A Palavra de Deus na vida e na missão da Igreja".

transmiti-la? Também no sínodo de 2008 isso foi questionado em seu documento. As chamadas "leituras ideológicas da Bíblia", baseadas em interpretações "espirituais, sociais e políticas", muito recorrentes na Teologia da Libertação, criticada pela maior parte da Igreja e pelo papa na época Bento XVI por ter uma hermenêutica diferente da Bíblia, seriam fortemente rebatidas.

Segundo Pêcheux (apud ORLANDI, 1987, p. 88), o funcionamento discursivo de um texto é marcado pelo modo como se representam os interlocutores entre si e a relação que mantêm com a formação ideológica. Para Orlandi (1987, p.88), o funcionamento discursivo está atravessado pela tipologia. Um enunciado, por ser um evento único e irrepetível, deve levar em consideração as condições de produção, ou seja - tempo, lugar, papéis representados pelos interlocutores, imagens recíprocas, relações sociais, e objetivos visados no momento da interlocução - responsáveis pela constituição do sentido do enunciado.

Essa situação toda denomina-se enunciação e determina por que o que se diz é dito. Algumas destas condições são os operadores argumentativos, os marcadores de pressuposição, os tempos verbais, os índices de polifonia, os índices de modalidade ou indicadores modais, etc... De acordo com a escolha das modalidades a serem usadas, o locutor obriga o interlocutor a aceitar o seu discurso como verdadeiro, procurando impor seus argumentos, como no caso das modalidades do tipo: “é certo”, “é preciso”, “é necessário”, “não pode haver dúvidas”, etc. (ORLANDI, 1987, p. 88). Na análise proposta pela autora, o discurso religioso é caracterizado como autoritário, uma vez que quem fala é a voz de Deus, através do padre, do pregador, ou seja, o representante de Deus. Assim posto, um fundamentalismo religioso seria um dos principais elementos de crítica dentro do campo religioso, muitas vezes confundido com extremismo religioso. O lugar de fala dos participantes do discurso religioso aqui deve ser visto como um lugar social permeado de várias identidades, de várias vozes.

Entretanto, um texto pode ser configurado por tipos distintos de discurso, o que caracteriza a intertextualidade ou heterogeneidade, um dos mais poderosos fatores da textualidade, que sustenta em seu interior a argumentatividade, fator básico da textualidade (KOCH, 1986), relacionada com a polifonia, que pode ser definida como a incorporação, ao próprio discurso, das vozes de outros

enunciadores ou personagens discursivos — o(s) interlocutor(es) —, terceiros, a opinião pública em geral ou o senso comum, ou seja, o coro de vozes que se manifesta normalmente em cada discurso, visto ser o pensamento do outro constitutivo do nosso, não sendo possível separá-lo radicalmente, o que permite afirmar que a produção do sentido é inteiramente condicionada pela alteridade. Assim, a heterogeneidade, ou polifonia em sentido amplo, é o lugar da constituição do sentido do texto.

Nesse ínterim, torna-se considerável subsidiarmos o trabalho em questão com a noção de interdiscurso. Maingueneau (1993), afirma que o interdiscurso consiste em um processo de reconfiguração incessante no qual uma formação discursiva é levada a incorporar elementos pré-construídos. Desse modo, ocorre uma reconfiguração da formação discursiva, onde se incorporam novos elementos de outras formações discursivas e/ou os elementos próprios da formação discursiva se movimentam numa relação de se organizarem para uma repetição ou para um apagamento. Ao levarmos em conta que esse "diálogo entre discursos" se dá por meio de sujeitos sociais, o discurso nem sempre demonstrará uma harmonia ideológica, podendo implicar em conflitos, relações de dominação e resistência, já que "a palavra é a arena onde se confrontam aos valores sociais contraditórios, os conflitos da língua refletem os conflitos de classe no interior mesmo do sistema" (BAKHTIN, 2000), bem como que o que vemos é governado pelo modo como vemos e este é determinado pelo lugar de onde vemos. Assim, o discurso variará se os interlocutores fizerem ou não parte do mesmo grupo social, ocuparem posições inferiores ou superiores na hierarquia social, bem como se estiverem unidos por laços sociais, como de pai, mãe, marido. O sujeito tece seu discurso polifonicamente, num jogo de várias vozes cruzadas que se complementam, se relativizam, ou se contradizem. Aquele que prega, realizando a sua função missionária e evangelizadora, procura conhecer sua comunidade para identificar aqueles que já estão em comunhão com Deus, mas principalmente aqueles que ainda não estão.

Na missa antes do conclave acontecido em 2005, defendendo a doutrina da Igreja Católica, o então cardeal Joseph Ratzinger disse que todo aquele que defende uma fé clara é rotulado de fundamentalista. Era, portanto, uma declaração

inequívoca de que ter uma fé clara não é ser fundamentalista. Mas, mundo afora, vimos publicadas análises dizendo o oposto: Ratzinger defendera o fundamentalismo. Toda a confusão se deu pelo significado da palavra "fundamentalismo", corrente surgida no fim do século XIX nos Estados Unidos na qual protestantes conservadores pregaram o retorno dos cristãos aos fundamentos da fé contra quaisquer inovações e uma leitura absolutamente literal dos textos sagrados.

De acordo com Sbardelotto (2020), as raízes da comunicação (o cum-munus, oikos e polis) demandam gerar relações na construção de um ambiente comum favorável a todos e organizado por todos, no qual se percebe a ação de Deus de gerar e dar sentido, de possibilitar ao homem participar de sua criação e relacionar-se com ela de forma a construir sua identidade pela alteridade. A cultura do encontro possibilita enxergar o processo comunicativo como construtor de sentido, dinâmica alterizante e diálogo discursivo sempre atualizado para transformar a realidade. Tem assim como modelo mister Jesus, com seu lugar de fala sempre demarcado pela linguagem do povo e do corpo. Ele, portanto, é o exemplo a ser seguido pelo comunicador cristão e todo o seu processo místico de comunicar, experimentando na sua espiritualidade a dialogicidade da palavra divina, com muito cuidado para não perder a essência por causa de padrões estéticos ou de profissionalidade, não deixando que a mundanidade e o mundanismo espiritual atrapalhem a comunicação da Verdade (que aqui é grafada maiúscula por ser referência ao Evangelho), comunicação esta que deve fugir de todo superficialismo, proselitismo e exibicionismo.

O que a Igreja Católica quer não é a submissão de seus valores e crenças a seus fiéis pela força, mas a adesão espontânea ao que considera a sua verdade. Isso não quer dizer, no entanto, que a Igreja não se apegue aos fundamentos de sua fé. Isso não a torna fundamentalista, mas faz dela apenas o que ela é: uma fé, uma crença. Não há religião sem verdade, não se pode acreditar "mais ou menos" no que a sua religião diz ser a verdade revelada. Ser crente, de qualquer religião, é exatamente isso: acreditar e estar unido à Palavra em seu cotidiano, renovando-a.

Assim, a função da homilia não é apenas explicar os textos bíblicos, mas é preciso ligá-los com a realidade da comunidade para fazer a comunidade refletir,

abrindo os fiéis à conversão e à transformação pessoal e da sociedade, sem deixar de lado sua relação com Deus. E aqui retomamos a exortação apostólica *Evangelii Gaudium*, do Papa Francisco, encíclica com características de convite a esclarecer e didatizar a evangelização e o anúncio da fé com um estilo alegre, a mesma alegria do encontro com Cristo, por meio de um diálogo inovador e a proposição de uma via da beleza para enxergar novos sinais, novas formas de transmitir a mensagem por meio da tríade encontro / diálogo /anúncio e com os princípios de que o tempo, a unidade, a realidade e o todo são superiores ao espaço, ao conflito, à ideia e à parte.

Considerações finais

A comunicação da alegria do Evangelho deve ser para todos, sem exclusão, sem distinção, mediadora da construção de uma cidadania responsável e alterizante, sempre de encontro ao outro, de forma misericordiosa, pobre com os pobres, encarnada, sentida. Pode ser de forma direta o anúncio da lógica da boa notícia, ou como sugere o Papa, por novas metáforas, como os óculos para enxergar, a semente em terra boa, o pão partilhado, este último como símbolo da reciprocidade, da multiplicação, da generosidade criativa. Cada metáfora exige uma interpretação, e cada interpretação elenca seus significados coletivos e particulares. Distintas, diversas, mas verdadeiras e autênticas, comprometidas na comunicação da essência da palavra divina.

Referências

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

BUYST, I. **Homilia, partilha da palavra**. São Paulo: Paulinas, 2001.

CARVALHO, D. **Homilia: a questão da linguagem na comunicação oral**. São Paulo: Paulinas, 1993.

CELAM. **Homilia.** São Paulo: Paulinas, 1983.

GONÇALVES, D. M. C. **Homilia e Ministério da Palavra**. Dissertação (Mestrado em Teologia) – Faculdade de Teologia, Universidade Católica Portuguesa, Braga, 2012.

KOCH, I. G. V. **A inter-ação pela linguagem** . São Paulo: Contexto. 1992.

KOCH, I. G. V. **Argumentação e linguagem**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1986.

MAINGUENAU, D. **Novas tendências em análise do discurso**. 2. ed. Trad. Freda Indursky. Campinas: Pontes, 1993.

MALDONADO, L. **A homilia: pregação, liturgia, comunidade**. Tradução Isabel F.L. Ferreira. São Paulo: Paulus, 2004.

ORLANDI, E. P. **A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso**. 2 ed. E rev. e aum. Campinas: Pontes. 1987.

PÊCHEUX, M. **Semântica e discurso. Uma crítica à afirmação do Óbvio**. Trad. Eni. Pulcinelli Orlandi. et. al. Campinas: Ed. UNICAMP, 1995.

SBARDELOTTO, M. **Comunicar a fé. Por quê? Para quem? Com quem?** Petrópolis: Vozes, 2020.

TRUDEL, J. **Homilia – Formação e arte de comunicar**. São Paulo: Paulus, 2015.